



Visão 2030 - Uma parceria para o futuro

Estratégia América Latina-Caribe do Grupo Parlamentar CDU/CSU no Parlamento Federal da Alemanha (Bundestag)

Aprovado em 14 de maio do ano de 2019

Visão 2030 - Uma parceria para o futuro

Estratégia América Latina-Caribe do Grupo Parlamentar CDU/CSU no Parlamento Federal da Alemanha (Bundestag)

Índice

I.	Alemanha, UE e América Latina: uma parceria para o futuro.....	3
II.	Fortalecer a comunidade, fortalecer a ordem internacional, moldar a mudança mundial.....	4
1.	Uma parceria de igual para igual: promover a soberania.....	6
2.	Fortalecer a democracia, o Estado de direito e os direitos humanos.....	7
3.	Aumentar a prosperidade comum: estimular a economia e o comércio.....	9
4.	Gestão sustentável, proteção do clima, preservação da Criação.....	12
5.	Promoção da cooperação multilateral - na América Latina e no Mundo... ..	14
6.	Dar forma à digitalização em conjunto	16
7.	Cultura e educação: colocá-la sobre uma base comum de valores	18
8.	Viver em paz e segurança	20
9.	Luta contra a criminalidade organizada e o tráfico de droga.....	22
10.	Ordem e controle de fuga e migração.....	23
III	Visão 2030: Parceria do futuro.....	23

I. Alemanha, UE e América Latina: uma parceria para o futuro

A Alemanha, a UE e muitos países da América Latina e do Caribe¹ (a seguir a definição “América Latina” também inclui os países do Caribe) partilham um interesse comum em manter e reforçar a ordem internacional baseada em regras. Isto trouxe-nos estabilidade relativa, crescimento e prosperidade ao longo de décadas. Somente juntos é que estaremos em condições de garantir a preservação dessa ordem. A intensificação da cooperação entre a Alemanha, a UE e os países da América Latina tem de contribuir para esse objetivo comum.

Porque não há dúvida: a ordem internacional baseada em regras está sofrendo mais pressão do que nunca. As estruturas, organizações e os sistemas de ordem reforçados estão cada vez mais sendo postos à prova. O deslocamento do poder e a nova multipolaridade provocam mudanças profundas, tanto na política externa da Alemanha quanto dos diversos países latino-americanos. Com a contínua ascensão econômica, política e cada vez mais militar da China, o comportamento agressivo-revisionista recente da Rússia e a mudança da autoimagem dos Estados Unidos da América, que vem acompanhada de um recuo gradativo como potência mundial da ordem mundial, a República Federal da Alemanha anda se deparando com desafios geopolíticos e geoeconômicos de forma até então desconhecida. Isso se aplica de forma semelhante à América Latina: enquanto as atividades russas aumentam em certos pontos, a presença da China já é quase global. Em muitos países da América Latina, a China substituiu os EUA e a UE se tornando o parceiro comercial mais importante. A China também tem dado grandes saltos na área de investimentos.

Neste contexto, a parceria entre os países da América Latina, Alemanha e Europa desempenha um papel central na crescente competição entre os modelos de princípios e ordem social mundial: democracia versus autocracia, comércio livre versus protecionismo e multilateralismo versus unilateralismo.

A preservação da ordem internacional baseada em regras e o reforço do sistema de valores liberal-democrático em um mundo multipolar só serão possíveis em cooperação com os parceiros democráticos da América Latina. Depois da Europa, América do Norte e dos parceiros que compartilham os mesmos valores, a América Latina continua a ser a região mais democrática do mundo, Ásia. Só conjuntamente é que poderemos fortalecer o nosso sistema preferencial de sociedades e Estados liberais-democráticos e concorrer com os crescentes sistemas autoritários e, às vezes, capitalistas de Estado. A recente crise na Venezuela é mais uma prova deste fato.

A Europa e a maioria dos países latino-americanos da América Latina já têm hoje consciência desta responsabilidade e, em fóruns multilaterais como nas Nações Unidas (ONU) e no G20, defendem a convicção comum de que as formas de

¹ Doravante o termo “América Latina” inclui os países do Caribe.

governança democrática e a abertura dos mercados são essenciais para alcançar os objetivos acordados na Agenda 2030 dedicada ao desenvolvimento sustentável. Essa cooperação é uma oportunidade para reforçar a parceria transatlântica em geral. Devemos pensar no espaço europeu incluindo o hemisfério ocidental no seu conjunto - ou seja, com a América do Norte, Central e do Sul.

O avanço da globalização, que há muito conduziu à era das redes digitais globais, coloca desafios a todos os Estados que só poderão ser superados através de uma ação multilateral rigorosa. Cabe aos Estados, que querem manter e reforçar o sistema internacional de governança baseado em regras, unir e assumir responsabilidades. Se tivermos êxito, daremos uma contribuição decisiva para superar desafios globais como as alterações climáticas, a migração ou a digitalização que se encontra em curso em todas as áreas das nossas vidas.

Visto que a Alemanha se beneficia em larga escala das premissas da ordem mundial liberal, que ela, porém, não poderá garantir sozinha, será ainda mais importante, futuramente, cooperar em alianças com parceiros. Essa também é a preocupação principal da Alemanha como membro do Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU), em 2019 e 2020 e da nossa agenda política junto às Nações Unidas.

Devemos aumentar e intensificar a coordenação dos nossos esforços conjuntos. A União Europeia (UE) e a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC) têm juntas peso suficiente para promover valores e interesses comuns a nível mundial. Ambas regiões totalizam uma população de mais de um bilhão de habitantes que geram 40% do produto social mundial. Com 61 países, a UE e a CELAC, representam quase um terço de todos os membros das Nações Unidas e, portanto, possuem um peso de voto considerável.

Os países da Europa e da América Latina sempre foram parceiros naturais no esforço para fortalecer a paz, a liberdade, a segurança e a coesão das sociedades no mundo inteiro. Essa parceria baseia-se nos nossos valores comuns e no laço histórico que destaca nossa relação. Vinte anos após o estabelecimento da Parceria Estratégica entre as nossas regiões durante a Cúpula de Chefes de Estado e de Governo de 1999, no Rio de Janeiro, chegou o momento de dar novo fôlego a esta parceria e de adaptá-la às exigências do século XXI. Essa abordagem está de acordo com a nossa política externa baseada em valores e beneficia os nossos interesses.

Com esta estratégia, o grupo parlamentar CDU/CSU no Bundestag alemão quer preparar o caminho para isso.

II. Fortalecer a comunidade, fortalecer a ordem internacional, moldar a mudança mundial

As parcerias requerem cuidados e investimentos constantes para garantir ações. Nos últimos anos, os investimentos na parceria euro-latino-americana foram insuficientes. Nós, do grupo parlamentar dos partidos CDU/CSU no Parlamento Federal da Alemanha (Bundestag), queremos mudar essa situação. Nos próximos anos, gostaríamos de intensificar a cooperação entre a Alemanha, a UE e a América

Latina em todos âmbitos, ou seja, a nível bilateral, regional e multilateral. Queremos utilizar essa cooperação para consolidar a parceria transatlântica na sua totalidade. Daremos especial ênfase à cooperação no âmbito da política externa para preservar a ordem liberal, baseada em regras, as relações econômicas, a cooperação na área das tecnologias do futuro e o intercâmbio nos campos da ciência, da pesquisa, da educação e da cultura.

Somos guiados pelas seguintes convicções na nossa parceria com a América Latina:

- Apesar dos problemas sociais e econômicos existentes, a maioria dos países latino-americanos forma uma região relativamente estável e pacífica em um mundo que se tornou mais volátil. É importante consolidar esse quadro trabalhado em parcerias.
- A solidariedade histórico-cultural da América Latina e da Europa no contexto da visão judaico-cristã do ser humano e da base comum de valores continua a ser um ponto de partida central da cooperação. Em base disso, devemos trabalhar conjuntamente, de forma construtiva e decisiva para enfrentar os desafios globais. Muito além desse alicerce comum, existem laços estreitos entre as sociedades que foram estabelecidos ao longo de décadas, em torno dos quais tanto as igrejas quanto as fundações políticas, bem como as numerosas organizações científicas e de pesquisa, instituições culturais e educativas e escolas, têm desempenhado um papel central.
- A prosperidade crescente da região faz do continente, que apresenta uma população de mais de 500 milhões de habitantes, um parceiro econômico cada vez mais importante para a Alemanha e a Europa. Além disso, o potencial econômico e político dos países emergentes da América Latina, a sua importância para o nosso abastecimento de alimentos, matérias-primas e energia e a sua força inovadora em ascensão são de interesse estratégico para a Alemanha.

A cooperação concreta com a América Latina prossegue os interesses prioritários da política externa alemã, tal como definidos no Livro Branco do Governo alemão de 2016 e que derivam da Estratégia Global da União Europeia:

- Proteger os cidadãos, a soberania e a integridade territorial do nosso país;
- Proteger a integridade territorial, a soberania e os cidadãos dos nossos aliados;
- Fomentar a prosperidade dos nossos cidadãos através da prosperidade da nossa economia e do comércio mundial livre e sem entraves;
- Promover o uso responsável de recursos limitados e bens escassos no mundo inteiro;
- Aprofundar a integração europeia e consolidar a parceria transatlântica.

1. Uma parceria de igual para igual: promover a soberania

Por causa do deslocamento mundial de poder e de concorrência entre os diferentes sistemas sociais o significado estratégico da cooperação com a América Latina aumenta para a Alemanha e a EU. Queremos assegurar que o nosso grupo de parceiros e amigos ganhe mais força. Comprovou-se que são eficazes especialmente os modelos sociais da América Latina que apostaram na abertura dos mercados, na pluralidade e no enraizamento democrático.

O nosso objetivo é estabelecer mais parcerias de igual para igual. Muitos países latino-americanos ganharam peso político e econômico nos últimos anos e têm os melhores pré-requisitos para se tornarem juntos um ator ainda mais importante no cenário internacional. No âmbito da integração regional de cooperação na América Latina gostaríamos de acompanhar e apoiar a consolidação da força institucional e da capacidade de ação dos nossos amigos e parceiros. A premissa mais elevada da nossa parceria é o reconhecimento mútuo da soberania e dos interesses igualitários dos Estados latino-americanos e dos Estados europeus.

Vemos nos nossos parceiros na América Latina atores autoconfiantes que expressam seus próprios interesses perante nós e outros atores. Temos a maior chance de sucesso se reforçarmos os parceiros políticos que compartilham o nosso modelo econômico e social.

Do ponto de vista alemão, isso requer uma estratégia dupla: queremos aumentar o círculo dos nossos amigos e parceiros e fortalecer com eles a democracia, o Estado de direito e as instituições baseadas no Estado de direito, combatendo firmemente, ao mesmo tempo, a influência de atores que apoiam modelos políticos autoritários, antidemocráticos e injustos.

Por conseguinte, observamos com preocupação a crescente influência chinesa e russa no continente em termos de democracia e direitos humanos, uma vez que as violações dos direitos humanos são aceitas e os sistemas antidemocráticos são apoiados visando o próprio benefício. O agravamento da crise na Venezuela, na primavera de 2019, é a prova mais recente de tais desenvolvimentos. Os empréstimos concedidos com motivações políticas, bem como os investimentos geoeconômicos e os projetos de infraestruturas, tais como a chamada “Iniciativa “Belt-and-Road”, ameaçam criar dependências econômicas e políticas. Esse perigo tem de ser combatido em cooperação com os países da América Latina. Queremos enfrentar o engajamento da China na região de forma construtiva, ou seja, com a nossa própria política.

O nosso compromisso e a nossa parceria com a América Latina não devem ser somente palavras ocas. Como parceiro natural de longas datas dos países da América Latina, queremos voltar a sensibilizar a opinião pública. Queremos promover a revitalização e a expansão das nossas relações na Europa inteira. O grupo parlamentar dos partidos CDU/CSU também está empenhado em desenvolver novos instrumentos de financiamento para a Alemanha e a UE que simplifiquem os grandes investimentos em infraestruturas na América Latina.

Ao mesmo tempo, para nós, vale o seguinte preceito: onde possível, a Alemanha, a UE e os países da América Latina têm de cooperar com a China e, ao fazê-lo, aplicar as normas de proteção profissional, ambiental e social, proteção da propriedade intelectual etc., que a Alemanha e a UE defendem.

Os países da região da América Latina são mais importantes e procurados como parceiros políticos e como parceiros econômicos em um mundo globalizado do que antes. A atitude cada vez mais autoconfiante da América Latina em relação aos parceiros e instituições internacionais tem de nos incentivar para que dediquemos mais atenção a essa região. Será cada vez mais importante acompanhar de perto os países latino-americanos na transição do foco demasiadamente forte na exportação de matérias-primas não processadas para uma indústria e economia baseadas no valor agregado. É precisamente aqui que nós, europeus, podemos dar uma contribuição importante.

No entanto, a Alemanha e a UE também devem focar e reforçar a sua própria competitividade como parceiros de cooperação. A cooperação com a Alemanha e a UE tem de gerar um valor agregado tangível para a América Latina, e mais além, e ser sustentável. Existe valor agregado especialmente nas oportunidades oferecidas pelas transferências de tecnologia e de conhecimentos, no cumprimento e aplicação das normas ambientais e sociais, bem como no alto grau de credibilidade, estabilidade política e confiabilidade.

2. Fortalecer a democracia, o Estado de direito e os direitos humanos

Os laços culturais historicamente estreitos entre a Europa e a América Latina se refletem na estrutura das formas de governo: depois da Europa e da América do Norte, a América Latina é a região mais democrática do mundo. Se quisermos fazer prevalecer o nosso interesse em fortalecer a ordem internacional baseada em regras, os países democráticos da América Latina são parceiros indispensáveis para estabelecer uma aliança de valores.

No que condiz a democracia, o Estado de direito e os direitos humanos, a Europa e os países da América Latina enfrentam vários desafios:

Apesar de todos progressos realizados, muitos países latino-americanos ainda não conseguiram estabelecer sistemas partidários estáveis enraizados na população. Os países da América Latina têm sistemas fortemente presidencialistas, com parlamentos bastante enfraquecidos. A fraqueza generalizada dos partidos e parlamentos não só dificultou frequentemente reformas coerentes, como também favoreceu governos populistas de características autoritárias. Através do trabalho das nossas fundações políticas e da cooperação dos parlamentos, por exemplo, nos grupos amistosos do Parlamento Federal da Alemanha (Bundestag), queremos apoiar e fortalecer o trabalho parlamentar. Os parlamentos e os partidos políticos estão assim ganhando importância e prestígio.

A população não tem confiança na política. Em vários países da América Latina, muitos partidos têm perdido credibilidade perante o eleitorado por causa da corrupção e do nepotismo. O comportamento eleitoral radicalmente alterado é uma forma do eleitorado expressar a sua decepção, ou seja, a amargura pela falta de responsabilidade social de grande parte das elites nacionais.

As pessoas na América Latina exigem mais participação política e social e estão dispostas a se envolver mais nos processos políticos. O panorama dos partidos políticos na América Latina está se transformando. Temos de cultivar parcerias que evoluíram historicamente e que, ao mesmo tempo, estejam abertas à cooperação com novos atores.

Por conseguinte, é tão importante cooperar com parceiros do centro democrático e da democracia cristã que compartilham os nossos valores e convicções. As nossas relações estreitas com a PRO, na Argentina, ou o PAN, no México, são bons exemplos disso. Há décadas que também trabalhamos estreitamente com o PDC, no Chile. Os partidos continuam a ser os atores principais que definem a política e o desenvolvimento social. Especialmente na América Latina, a Fundação Konrad Adenauer e a Fundação Hanns Seidel possuem excelentes redes e abordagens político-partidárias que queremos manter, aproveitar e expandir.

Existem boas condições para o nosso engajamento junto aos nossos parceiros no sentido de promover a boa governança democrática, o Estado de direito e o fortalecimento dos direitos humanos e dos indígenas.

A “boa governança” também inclui a administração financeira, a política fiscal e orçamental, a política de combate à corrupção e a expansão dos órgãos constitucionais de controle. A Alemanha e a UE estão dispostas a disponibilizar conhecimentos especializados e a trocar experiências conforme as necessidades dos parceiros, como já o fizemos nos últimos anos.

Um Estado de direito funcional e instituições sólidas constituem a base do crescimento econômico sustentável. No entanto, a corrupção generalizada, a falta de imposição da lei e a impunidade na América Latina continuam a ser uma grande barreira ao investimento e um risco de segurança para as empresas alemãs e europeias. Estamos empenhados em assegurar que a Alemanha e a UE, com base em interesses comuns com a América Latina, se engajem futuramente ainda mais na cooperação em matéria de Estado de direito. Isto requer recursos financeiros adicionais. Não se trata apenas de um investimento na parceria transatlântica, mas também de preservar a competitividade das empresas alemãs e europeias.

Apreciamos e apoiamos igualmente a contribuição prestada pela Comissão de Veneza do Conselho da Europa no âmbito da cooperação com a América Latina em matéria de Estado de direito.

O populismo de direita e de esquerda, como fenômeno, tem se alastrado cada vez mais nos últimos anos. A Europa e a América Latina estão igualmente afetadas. Por conseguinte, consideramos as tendências populistas no âmbito da nossa parceria como um desafio comum e queremos enfrentá-las com medidas firmes. Os

movimentos populistas podem resultar em autocracias e ditaduras na sua forma mais extrema. Contê-las é uma tarefa conjunta da América Latina e da Europa.

Na era da comunicação digital, isso inclui esforços conjuntos contra as chamadas “notícias falsas” e campanhas de desinformação na internet, nas mídias sociais e digitais. Há iniciativas interessantes aqui na América Latina. Vale a pena trocar experiências.

De acordo com relatórios da ONU, de 2017, fora das zonas de guerra, a América Latina é a região mais perigosa para as mulheres do mundo. Mais da metade dos países com as maiores taxas de feminicídio se encontram na América Latina. O “machismo” continua sendo uma característica forte em grandes partes da região; além disso, há um alto nível de violência física e sexual contra mulheres. A tematização acentuada dessas questões e a resistência crescente contra esses males são desenvolvimentos positivos que devem ser apoiados. Queremos reforçar o combate à violência contra mulheres por parte das organizações não governamentais e vinculá-lo à ordem estatal. A igualdade de gênero tem de ser promovida e garantida por lei. A América Latina é uma região-chave onde a Europa tem de reforçar o papel e a participação política das mulheres. Na aplicação da Resolução 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas existem numerosas abordagens que permitem reforçar a participação das mulheres no trabalho de prevenção de crises e promover o seu papel na vida política.

Já existem alguns exemplos de mulheres bem-sucedidas na política, na sociedade e na economia, bem como um grande número de mulheres em organizações da sociedade civil organizada - desde as “damas de branco” até às “mães da Plaza de Mayo”. Essas iniciativas e alianças devem ser fomentadas para melhorar a segurança das mulheres na região.

A cooperação para o desenvolvimento com as populações indígenas, que são particularmente marginalizadas social e economicamente, continua a ser uma tarefa importante. O programa regional “População Indígena” da Fundação Konrad Adenauer tem um posicionamento único. O grupo parlamentar dos partidos CDU/CSU no Parlamento Federal da Alemanha (Bundestag) continuará a defender o fortalecimento das atividades de política de desenvolvimento nesta área.

3. Aumentar a prosperidade comum: estimular a economia e o comércio

A economia e o comércio sempre estiveram historicamente no centro da cooperação birregional. As relações entre a Alemanha, a UE e os países da América Latina são conseqüentemente estreitas: sendo responsável por um terço de todos investimentos, a UE é o maior investidor estrangeiro na região. Depois dos EUA, a UE é o segundo maior parceiro comercial da América Latina, apesar da China estar avançando constantemente. A Europa adquire grandes partes das suas matérias-

primas e alimentos da América Latina. Mais de 30% das importações alemãs do Brasil e da Argentina provêm das matérias-primas agrícolas. Ambos países são as economias mundiais que atingem o maior superávit da sua respectiva balança comercial com alimentos.

A economia social de mercado oferece um modelo interessante para muitos países latino-americanos considerando-se especialmente o contexto da situação econômica de muitos países latino-americanos e, em partes, a grande disparidade de renda. Isso pode ser um ponto de partida importante para a cooperação econômica bilateral. Ao mesmo tempo, a diversificação da economia, em alguns países da América Latina, continua a ser um pré-requisito necessário para o desenvolvimento sustentável.

Mas a região também é importante para empresas alemãs. Elas ocupam posições-chave em determinados setores industriais em alguns países da América Latina. Nas duas maiores economias da América Latina - México e Brasil - as subsidiárias alemãs geram cerca de 5% do produto interno bruto nacional. As empresas alemãs são responsáveis por cerca de 15% do valor agregado gerado no setor industrial brasileiro.

O acesso a mercados livres no mundo inteiro é uma pilastra do modelo exitoso da economia alemã. A conclusão de novos acordos de comércio livre justos e favoráveis ao desenvolvimento e a extensão dos acordos existentes são, portanto, de interesse fundamental do nosso país. A UE já concluiu acordos comerciais com 26 dos 33 países da América Latina. Incluindo México, Chile, Colômbia, Equador, Peru e, desde 2008, os países do Fórum do Caribe (CARIFORUM).

No caso de uma integração bem-sucedida do mercado, o MERCOSUL e a Aliança do Pacífico, em particular, poderiam oferecer aos seus membros a oportunidade de expandir de forma sustentável as cadeias de valor nos países membros e fortalecer suas indústrias na sua totalidade. No futuro, isso poderá reduzir a forte dependência dos países em relação às matérias-primas e às exportações agrícolas.

Os países-membros do MERCOSUL, Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e a Venezuela (após o fim da sua suspensão e da qual esperamos que venha a mudar politicamente) geram quase 40% do produto interno bruto total da América Latina. Gostaríamos de finalizar satisfatoriamente, o mais rápido possível, as negociações atuais do acordo entre a UE e os Estados do MERCOSUL. Isso requer uma flexibilidade mais alta da UE. A indústria alemã e europeia possuem uma posição particularmente forte no MERCOSUL. A UE é o maior parceiro comercial do MERCOSUL, representando quase 22% (2016) do comércio exterior. O Acordo de Comércio Livre com o MERCOSUL será o maior jamais celebrado pela UE. Esperamos que a conclusão satisfatória do acordo signifique um sinal positivo para o comércio livre como um todo.

Em especial, os países da Aliança do Pacífico (Chile, Colômbia, México, Peru e Equador, que possivelmente será o próximo a aderir) poderão se tornar em um polo de comércio entre o Atlântico e o Pacífico, se beneficiando assim do dinamismo econômico da Ásia. Juntos, eles já formam a oitava maior economia do mundo.

Dadas as tendências protecionistas em certas regiões do mundo, a UE também é um parceiro atrativo para a Aliança do Pacífico. A UE já tem acordos comerciais bilaterais com todos países da Aliança. O grupo parlamentar dos partidos CDU/CSU no Parlamento Federal da Alemanha (Bundestag) é fortemente a favor da adesão da UE à Aliança do Pacífico.

A América Latina é um importante local de produção para a Alemanha e um mercado em constante crescimento. O volume do comércio exterior entre a Alemanha e os países da América Latina é superior a 50 bilhões de euros, ou seja, cerca três vezes maior do que o comércio exterior entre a Alemanha e a Índia, que também é um mercado em crescimento significativo. À medida que o poder econômico cresce, cresce a necessidade de modernização e expansão das infraestruturas da região. Isso também abre perspectivas para a economia alemã. Um programa de promoção do comércio exterior recém-lançado e ampliado poderá ajudar as empresas alemãs a reinvestir mais nos mercados latino-americanos. Por isso, estamos empenhados em criar uma rede de “German Desks”. Esses projetos de cooperação da Deutsche Investitions- und Entwicklungsgesellschaft mbH (DEG) em conjunto com a Confederação Alemã das Câmaras de Indústria e Comércio (DIHK) combinam experiência e competência regionais. E com isso, apoiam pequenas e médias empresas alemãs como pontos de contato que facilitam seu acesso aos mercados latino-americanos.

É igualmente do interesse da Alemanha fechar acordos para evitar a dupla tributação com outros países da América Latina.

Nos últimos 20 anos, muitos países latino-americanos têm alcançado um crescimento econômico contínuo. Como resultado, as condições de vida em muitos países da região melhoraram consideravelmente. No entanto, a América Latina ainda hoje apresenta grandes contrastes: enquanto as economias emergentes como a Argentina, Brasil ou México não estão apenas se tornando potências mundiais como membros do G20, países em desenvolvimento como Honduras, Guatemala e Nicarágua ainda estão lutando contra a pobreza e as estruturas fracas de Estado. O acesso a bens públicos essenciais, como educação e saúde, não está garantido para grande parte da população. Os benefícios sociais destinam-se principalmente aos funcionários públicos e aos empregados do setor formal. A quinta parte mais pobre da região recebe apenas cerca de 10% de todas transferências sociais.

Queremos enfrentar essas diferenças com uma cooperação para o desenvolvimento baseada na parceria e adaptada às respectivas necessidades. Somos guiados pela Agenda 2030 da ONU para o Desenvolvimento Sustentável que pretendemos implantar com os nossos parceiros. A boa governança continuará sendo um fator-chave para o desenvolvimento econômico sustentável no futuro.

A cooperação para o desenvolvimento do Governo Federal, que é adaptada aos países parceiros mais avançados, deverá continuar fazendo contribuições significantes e mutuamente benéficas. A cooperação se concentra na proteção dos

bens públicos mundiais, como o meio ambiente e o clima, bem como na promoção da boa governança e do Estado de direito.

Muitos países da América Latina demonstram ser parceiros muito confiáveis, com um panorama de instituições estatais consolidadas. O que permite a execução de projetos ambiciosos com alto grau de responsabilidade própria por parte dos países parceiros. A cooperação com os bancos de desenvolvimento regionais desempenhará um papel ainda mais importante nessa cooperação. Para fazê-lo, a Alemanha deverá fortalecer seu papel no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e na Corporação Interamericana de Investimentos (CII), tanto aumentando as suas contribuições financeiras quanto aumentando o número de funcionários alemães.

Igualmente no âmbito da cooperação para o desenvolvimento com os respectivos países, à medida que o desenvolvimento avança, temos de promover a mobilização de capital privado e motivar continuamente os parceiros alemães e europeus, para que contribuam com capital para projetos latino-americanos.

4. Gestão sustentável, proteção do clima, preservação da Criação

A implementação da Agenda 2030 da ONU para o Desenvolvimento Sustentável com os seus 17 objetivos (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) aplica--se a todos os países do mundo. Também é o pré-requisito fundamental para a ampla participação na prosperidade e no desenvolvimento na América Latina. Para que as sociedades se desenvolvam de forma pacífica, inclusiva e livre, para reduzir a pobreza extrema e proteger os recursos, um dos desafios centrais, além da sustentabilidade ecológica, é fortalecer a coesão das sociedades.

Queremos prosseguir dois interesses na nossa parceria com os países da América Latina: por um lado, as economias alemã e europeia necessitam de acesso a recursos e matérias-primas. Ao mesmo tempo, defendemos a sua utilização sustentável para que as gerações futuras tenham acesso a recursos importantes e preservem a Criação.

A cooperação com a América Latina no domínio da extração sustentável de matérias-primas reveste-se da maior importância, sobretudo tendo em vista o avanço da digitalização e a rápida evolução da mobilidade elétrica. Quase 60% da produção mundial de lítio provém da América Latina. Precisamos desenvolver parcerias estratégicas e, ao mesmo tempo, defender a extração socialmente e ambientalmente compatível.

Além disso, temos de trabalhar com nossos parceiros locais para criar uma estrutura de crescimento sustentável, cadeias de valor sustentáveis para commodities agrícolas e minerais, em conformidade com os acordos internacionais de normas sociais e ambientais e trabalho decente. A coesão social é um valor fundamental para nós. Na nossa cooperação com a América Latina, concordamos em trabalhar juntos na luta contra a desigualdade social, a exclusão de grupos étnicos e a pobreza, também com o propósito de mitigar efeitos

negativos no crescimento econômico. Na América Latina, nem todos os atores envolvidos consideram esse aspecto prioritário.

O modelo de parcerias sustentáveis na área de matérias-primas e a cooperação com o intuito de construir uma sociedade industrializada e de serviços a nível nacional deve ser intensamente promovido pelos europeus. Visto que o apoio europeu ao desenvolvimento sustentável das economias latino-americanas de produtos de base fortalece tanto a posição competitiva da Europa como a sua credibilidade política na América Latina.

Os países da América Latina são parceiros primordiais para a implementação do Acordo de Proteção Climática de Paris, de 2015. O acordo é e continua sendo um ponto de referência principal para a nossa cooperação internacional na área do meio ambiente e do clima.

Tendo grandes recursos florestais, como a Floresta Amazônica, a região contribui significativamente para a retenção do carbono. Programas como o REDD+ (“Redução das Emissões do Desmatamento e da Degradação Florestal considerando o Papel da Conservação”) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas combinam a proteção das florestas com a proteção do clima. A proteção dos recursos florestais também desempenha um papel importante na questão de como gerir uma indústria alimentar que respeite o clima.

A América Latina já tem inúmeros exemplos de cooperação técnica e financeira exitosa na área da tecnologia ambiental, da eficiência energética e das energias renováveis. Graças aos objetivos ambiciosos dos nossos parceiros na região (Contribuições Nacionalmente Determinadas), haverá necessidade de expansão no futuro, tanto na produção de energia como na área das redes de transporte. Com seu know-how e transferência de tecnologia, a Alemanha poderá fazer uma contribuição importante para a segurança energética sustentável e, ao mesmo tempo, adquirir conhecimentos importantes que poderão ser aplicados para vencer os nossos desafios durante a transformação do sistema energético. As parcerias climáticas municipais entre municípios da América Latina e da Alemanha, apoiadas pelo Ministério Federal Alemão de Cooperação Econômica e Desenvolvimento (BMZ), constituem uma contribuição importante. Pretendemos continuar aumentando-a e expandindo-a.

O Caribe está sendo frequentemente impactado por calamidades. É de se recear que o número e a escala de calamidades continuem aumentando por causa das alterações climáticas. Por isso, a Alemanha deverá continuar a se engajar mais no campo da proteção climática e adaptação às mudanças climáticas, por exemplo, no âmbito do seguro contra riscos climáticos, por exemplo, por meio da iniciativa “InsuResilience”.

A segurança alimentar é outra questão importante para a Alemanha, a UE e a América Latina. A agricultura é um setor econômico de sucesso e essencial na América Latina. A região dispõe de experiência e conhecimentos consideráveis. E sendo assim, a América Latina tem capacidade de contribuir significativamente para o abastecimento alimentar mundial à medida que a população mundial

continua crescendo. Respectivamente, desejamos promover o intercâmbio temático sobre segurança alimentar sustentável, agroecologia e tecnologias futuras como a agricultura inteligente em vários níveis. Para que esse conhecimento seja bem aproveitado, pretendemos apoiar cada vez mais as futuras cooperações Sul-Sul e os formatos de intercâmbio trilateral entre a UE, a América Latina e o continente africano.

5. Promoção da cooperação multilateral - na América Latina e no Mundo

A Alemanha está firmemente integrada em estruturas multilaterais nas suas atividades internacionais. A cooperação com os parceiros confere legitimidade, eficácia e eficiência às nossas ações. Somente em conjunto será possível vencer os desafios do século XXI. Por isso, queremos fortalecer a cooperação alemã e europeia com a América Latina em organizações internacionais, ampliar a presença da Alemanha nas organizações regionais e latino-americanas no hemisfério ocidental e apoiar de forma construtiva os processos de integração na América Latina.

Queremos utilizar a adesão alemã ao Conselho de Segurança das Nações Unidas em 2019/20, para reformar as Nações Unidas, torná-las mais eficazes e, assim, reforçar a ordem internacional baseada em regras. Para isso, precisamos de parceiros engajados. Muitos deles se encontram entre os países da América Latina. Por conseguinte, não somente a estreita coordenação com os representantes do chamado “GRULAC” (Grupo de Países da América Latina e do Caribe) no Conselho de Segurança das Nações Unidas é de particular importância. Além disso, aspiramos ter uma estreita cooperação na Assembleia Geral das Nações Unidas com todos países latino-americanos que compartilham nossos valores e interesses comuns. Ao mesmo tempo, queremos também fazer valer o fato de sermos membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas para abordarmos os interesses e questões nas Nações Unidas que são de particular preocupação para os nossos parceiros latino-americanos. Para este fim, mantemos o diálogo constante com os membros latino-americanos do Conselho de Segurança. No debate sobre a reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas, apoiamos a maior consideração dos interesses da América Latina. A cooperação no Conselho dos Direitos do Homem das Nações Unidas reveste-se de particular importância no que condiz a aliança democrática de valores. A tarefa desse conselho é se contrapor eficazmente à interação praticada pelos Estados autoritários. Trata-se de conter, de forma decisiva, as tentativas unilaterais de isolamento de Israel.

As instituições financeiras internacionais, em particular o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial, também desempenham um papel especial na cooperação com os Estados. Nos engajamos em fortalecer o papel da América Latina em ambas as organizações para fomentar sua aceitação e impacto na região e equilibrar o papel de financiadores alternativos que estabelecem padrões humanos e ambientais significativamente inferiores.

Do ponto de vista do grupo parlamentar dos partidos CDU/CSU, o G20 é um fórum importante para resolver questões globais do futuro, especialmente no âmbito da

política econômica e financeira internacional. A estreita cooperação entre a Alemanha e a Argentina na definição da agenda e na transferência da Presidência do G20, em 2017 e 2018, foi um bom exemplo que nos servirá como modelo no futuro. É necessário estabelecer uma coordenação ainda mais estreita com os países latino-americanos do G20, Argentina, Brasil e México, incluindo a coordenação com os representantes de todo hemisfério ocidental, ou seja, com os EUA e Canadá. Os países do hemisfério ocidental e a Europa constituem metade dos Estados do G20.

A OCDE tem importância mundial como fórum para democracias voltadas à economia de mercado. Os membros da organização na América Latina são: o México, Chile e Colômbia. A Costa Rica está em negociações de adesão. O Brasil, a Argentina e o Peru iniciaram processos de reforma no âmbito de um programa de cooperação para se aproximarem da OCDE. Futuramente, a OCDE desempenhará um papel ainda mais importante no estabelecimento de normas, especialmente na área da educação, mas também, por ex., em termos de uma legislação fiscal justa. Para esses fins, continuaremos a apoiar os esforços de adesão dos Estados latino-americanos e os processos relacionados de reforma interna, tanto do lado alemão quanto do lado europeu. Simultaneamente, os processos de reforma nos Estados-membros deverão ser acompanhados mesmo após sua adesão à OCDE.

Apreciamos igualmente a contribuição da Comissão Económica das Nações Unidas para a América Latina e Caribe (CEPAL) na área da investigação econômica e da promoção do desenvolvimento sustentável na América Latina.

A fim de promover um maior desenvolvimento da parceria estratégica entre a UE e a América Latina iniciada em 1999, continuaremos a apoiar a Fundação EU-LAK, sediada em Hamburgo desde 2010, e outras organizações de cooperação sediadas na Alemanha. A proximidade geográfica tem de ser utilizada para a criação de um intercâmbio ainda mais intenso entre as organizações e o Parlamento Federal da Alemanha (Bundestag), com o objetivo de intensificar a cooperação entre a UE, a Alemanha e a América Latina.

Na área das parcerias estratégicas bilaterais é importante avaliar outros países da região. A atual parceria estratégica da Alemanha com o Brasil tem de ser revigorada e preenchida com um maior compromisso político. O Brasil é um parceiro muito especial não só por causa dessa parceria estratégica, que existe desde 2008, mas também por causa do grande número de contatos empresariais e comerciais e dos laços estreitos no âmbito do „G4“, que defendem uma reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Queremos explorar o potencial existente para trabalhar ainda mais estreitamente em conjunto e revitalizar as relações econômicas bilaterais. As consultas mútuas entre os governos de ambos países devem ocorrer regularmente. A parceria estratégica permite o diálogo sobre assuntos controversos entre parceiros. Futuramente consideraremos a possibilidade de estabelecer uma parceria estratégica desse tipo com o México, que é um ator importante.

Apesar de todos interesses que temos em comum, reconhecemos que há desafios na América Latina, em especial no que se refere à integração regional: as economias da América Latina não estão suficientemente interligadas. Isso se torna evidente nas inúmeras iniciativas (sub)regionais com diferentes graus de integração: a União das Nações Sul-Americanas (UNASUL), a Comunidade Andina (CAN), o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e a Comunidade dos Estados da América Latina e Caribe (CELAC), fundada em 2010.

No entanto, a cooperação regional é particularmente importante no continente latino-americano, por ex., para ancorar sistematicamente as normas econômicas e sociais, assegurar a educação abrangente e a proteção eficaz do clima, das florestas e da biodiversidade. No entanto, a integração regional e a cooperação multilateral promovem a confiança entre os Estados e contribuem para fortalecer a autoresponsabilidade regional.

Por causa do seu desenvolvimento, a Europa foi predestinada, nas últimas décadas, a apoiar essa integração regional com base na sua experiência e a ajudar os países com diferentes contextos econômico e culturais a agir cada vez mais em conjunto e conforme o seu interesse mútuo.

A Organização dos Estados Americanos (OEA) é de particular interesse estratégico e, ao mesmo tempo, tem especial legitimidade. Com trinta e cinco membros, do Canadá até o Chile, não só é a mais antiga organização regional ainda existente no mundo, mas também a mais abrangente organização de países das Américas. Deu um contributo positivo considerável para a consolidação das estruturas democráticas e do Estado de direito e para a consolidação das normas em matéria de direitos humanos. Especialmente nos dias de hoje, as missões importantes e amplamente reconhecidas de observação eleitoral, o Sistema Interamericano de Direitos Humanos, altamente respeitado, com a Corte Interamericana de Direitos Humanos e as plataformas de intercâmbio sobre aspectos sociais e econômicos contribuem significativamente para a integração regional. Dessa forma, a OEA promove, especificamente, a cooperação e a coesão entre os Estados das Américas do Norte, Central e do Sul e o Caribe. Estamos empenhados em assegurar que a Alemanha intensifique os seus esforços de apoio à OEA e que enfatize o seu empenho e presença nomeando um embaixador independente junto à organização, tal como outros países europeus já o fizeram. A cooperação na OEA pode ser outro elemento importante da cooperação transatlântica com os EUA e o Canadá.

O sinal de que muitos países latino-americanos estão emitindo a respeito do “Pró-Sul” com a nova aliança será uma contribuição importante para fortalecer as democracias e os mercados abertos. A Alemanha deve apoiar esse projeto recente e promover o diálogo constante.

6. Dar forma à digitalização em conjunto

A digitalização, incluindo o debate sobre a imposição da lei na internet, a proteção de dados e privacidade, a segurança cibernética, as ameaças híbridas provenientes

do debate, do desenvolvimento e uso da inteligência artificial (IA), recebe destaque na cooperação entre a Alemanha, a UE e a América Latina.

Em conjunto, a UE e a América Latina constituem um grande mercado de desenvolvimento e de consumo de software e hardware. Temos de utilizar esse peso para moldar o processo de digitalização de acordo com normas comuns e fazer valer o nosso direito à proteção de dados e resiliência dos sistemas.

Para nós, a internet não é um espaço jurídico vazio. Estamos empenhados em garantir que os direitos humanos e o direito internacional também sejam aplicados na internet. Por isso, nos últimos anos, a Alemanha tem se engajado fortemente no *Grupo de Peritos Governamentais da ONU para o Desenvolvimento no Campo da Informação e Telecomunicações no Contexto da Segurança Internacional* (UNGGE).

A concorrência entre sistemas democráticos e autoritários está cada vez mais se refletindo nos sistemas reguladores da internet. Estamos alarmados com os relatos sobre a introdução de sistemas de crédito social, como por ex. na China. O nosso objetivo deve ser, portanto, garantir que a internet permaneça livre e aberta no futuro, e que apenas seja regulamentada por regras claras e democraticamente definidas. A garantia do direito à privacidade, na internet, tem um impacto direto sobre outros direitos humanos, como liberdade de expressão ou de reunião. A cooperação entre a Alemanha e alguns países da América Latina sobre esse tema há muito que é estreita. Por ex., a Alemanha e o Brasil lançaram uma iniciativa comum sobre a proteção da privacidade no espaço digital junto às Nações Unidas em 2013. Também temos de abordar esse aspecto no futuro.

Queremos também estender essa cooperação estreita a outras tecnologias do futuro. Por ex., queremos juntos nos posicionar a nível internacional no uso da inteligência artificial (IA). Para este fim, gostaríamos de debater multilateralmente sobre o uso da IA e como lidar com desafios éticos, especialmente no que diz respeito ao funcionamento de algoritmos e desenvolver posições em conjunto com nossos parceiros da América Latina.

No que diz respeito à América Latina, estamos empenhados na criação de redes a nível da sociedade civil e a nível comercial, por exemplo, de start-ups no setor das tecnologias de informação. Isso também serve para desenvolver um entendimento comum sobre o modo de explorar as oportunidades oferecidas pela digitalização.

A digitalização, por ex. através de aplicações na educação e na agricultura, oferece às regiões mais pobres a chance de dar um salto em frente no desenvolvimento a favor da população. No entanto, os benefícios da digitalização devem chegar a todos os níveis da sociedade para evitar a segregação digital e reduzir as desigualdades sociais e os conflitos na sociedade.

7. Cultura e educação: colocá-la sobre uma base comum de valores

A América Latina sempre se viu como parte do mundo ocidental e da comunidade das democracias. Valores comuns baseados na imagem judaico-cristã do ser humano, laços culturais e linguísticos estreitos e desenvolvidos historicamente criam uma base única para formar a cooperação. A rede vasta e sólida das escolas alemãs no exterior tem sido a espinha dorsal dessa estreita cooperação há anos.

A educação, a ciência e a pesquisa são as bases da mudança estrutural gradativa e sustentável para as sociedades do conhecimento modernas. A promoção da pesquisa e do ensino independentes e a formação das futuras elites no diálogo científico contribuem para a manutenção da paz e para a transformação democrática. A cooperação científica internacional permite a consolidação das relações políticas no espaço pré-político.

A Alemanha é um parceiro confiável e atraente da América Latina no âmbito da cooperação em pesquisa e educação e se posiciona com alta visibilidade em países importantes em termos de política de pesquisa e geoestratégia através de medidas específicas, como, por exemplo, o Ano de Humboldt em 2019. As respectivas diretrizes estão estabelecidas na estratégia do governo federal da Alemanha para a internacionalização da educação, ciência e pesquisa. A estratégia de internacionalização foi desenvolvida sob a liderança do Ministério Federal de Educação e Pesquisa (BMBWF), publicada em 2008 e relançada em 2017. O objetivo dessas atividades é conectar a ciência alemã com os países parceiros da América Latina e promover a cooperação em áreas de interesse comum, como conservação da biodiversidade, meio ambiente, mudança climática, pesquisa em saúde, bioeconomia e ciências humanas. Além disso, pretende-se obter acesso a fontes de conhecimento globais através da intensificação da cooperação com nações científicas emergentes na América Latina, incorporá-las em processos internacionais de inovação e fortalecer a área comum de pesquisa Europa-América Latina-Caribe.

Os países atualmente prioritários para a cooperação científica e tecnológica com a América Latina são a Argentina, o Brasil, o Chile, a Colômbia e o México.

As cooperações novas são com a Costa Rica e Cuba. Existe a possibilidade de cooperação com outros países da América Latina e do Caribe por meio de um Grupo de Interesse birregional para iniciativas de promoção conjuntas, fundado e coordenado conjuntamente pela Alemanha e pela Argentina.

Por conseguinte, desejamos reforçar as abordagens existentes em matéria de cooperação binacional e birregional entre a UE e os países da América Latina no que condiz a criação e expansão de sistemas de educação, ciência e pesquisa e no intercâmbio de estudantes e cientistas entre a Alemanha e a América Latina, a fim de melhor promover o potencial da América Latina e construir e fortalecer laços duradouros. Através de importantes organizações intermediárias como o DAAD, o Goethe-Institut, a Fundação Alexander von Humboldt e as escolas alemãs no

exterior, temos à nossa disposição instrumentos extremamente experientes e de primeira categoria que já possuem uma presença local de longa data. Do ponto de vista da política econômica e social, o nosso objetivo é de trabalhar com nossos parceiros latino-americanos para implantar os princípios de um sistema dual de formação profissional, de acordo com as condições-quadro existentes, para incrementar as oportunidades de formação e de emprego para largas camadas da população. Estamos empenhados em lançar iniciativas de formação e educação voltadas à demanda.

A fim de desenvolver uma compreensão cultural e linguística mútua mais profunda, estamos empenhados em incluir cada vez mais o idioma alemão como língua estrangeira nos currículos dos países da América Latina. Para tal, continuaremos apoiando a iniciativa PASCH (“Escolas: Parceiros para o Futuro”), que conecta escolas do mundo inteiro, nas quais o idioma alemão é uma matéria de especial importância. O fato de o número de estudantes de alemão na América Latina ter aumentado significativamente nos últimos anos é extremamente positivo. Por outro lado, o número de estudantes que optam por aprender espanhol está crescendo na Alemanha. Estamos empenhados em apoiar o crescente interesse dos estudantes alemães pela América Latina e em promover mais intensamente os programas de intercâmbio recíproco.

Com intuito de melhorar a compreensão mútua e o interesse na região, é necessário aumentar a competência sobre a América Latina na Alemanha. Dispomos de uma boa base que precisa de ser reforçada, ou seja, as fundações políticas e os institutos de pesquisa.

Futuramente desejamos trabalhar mais para desenvolver e consolidar um modelo conjunto para o hemisfério ocidental. Para tal, queremos não só reforçar o diálogo trilateral a nível parlamentar, ou seja, Alemanha/UE, América Latina e EUA/Canadá, mas também apoiar programas trilaterais para jovens líderes da UE, da América Latina, dos Estados Unidos e do Canadá. A OEA e o Banco Interamericano de Desenvolvimento oferecem uma importante plataforma para esse tipo de intercâmbio. A cooperação, recentemente iniciada com o Banco Interamericano de Desenvolvimento na área de formação profissional, tem de ser implantada de maneira coerente.

Além da sociedade civil, a Igreja desempenha um importante papel social como elo de ligação entre as Américas e a Europa. A sua existência como âncora para a estabilidade tem de ser mantida. A cooperação para o desenvolvimento da Igreja através de organizações como MISEREOR, Caritas, Brot für die Welt, Adveniat e muitas outras também continua a desempenhar um papel importante. Ao mesmo tempo, devemos nos preocupar mais intensamente com a rápida ascensão das igrejas evangélicas e pentecostais na América Latina e compreender o seu significado para a mudança social, mas também política. A participação da sociedade civil nas relações entre a Alemanha e a América Latina é particularmente importante para as relações entre a Alemanha e a América Latina, através de geminações de cidades, programas de voluntariado, projetos de parceria de organizações não governamentais e congregações religiosas. Queremos aumentar

significativamente o número de parcerias entre a América Latina e a Alemanha. Um número crescente de jovens está engajado em programas de voluntariado na América Latina. Queremos ampliar cada vez mais os programas de intercâmbio que permitem que jovens da América Latina façam um estágio na Alemanha. O Parlamento Federal da Alemanha (Bundestag) também deveria oferecer uma bolsa de estudos parlamentar internacional para pós-graduados da América Latina. Futuramente queremos apoiar o intercâmbio e o trabalho na rede das igrejas e das pessoas que se engajam nelas.

Nos séculos passados assistimos a grandes ondas de emigração da Alemanha para a América Latina. Vários descendentes desses emigrantes cultivam a cultura alemã e os contatos com a Alemanha até hoje. Essas pessoas podem ser importantes construtores de pontes para estreitar ainda mais as relações entre a Alemanha e a América Latina. Por isso, queremos cultivar essas relações e fazer novos contatos com as nossas embaixadas e Institutos Goethe.

Não podemos negar que, no contexto de conflitos globais sobre valores e sistemas, a cultura e a educação são fatores importantes do “soft power” que estão cada vez mais caracterizados pela concorrência de interesses. Outros atores fora da região estão expandindo sistematicamente a sua presença educacional, cultural e midiática e criando laços culturais. Uma das plataformas principais para o descrédito das democracias liberais é o programa em língua espanhola do canal de televisão “Russia Today”. Queremos contrapor essas iniciativas conscientemente com o nosso modelo social aberto. Apoiamos a Deutsche Welle na sua missão de transmitir a imagem da Alemanha como nação cultural europeia e como Estado de direito democrático que se baseia nos preceitos da liberdade. Ao fazê-lo, a oferta se deve concentrar mais nos jovens, por ex., através de uma presença mais forte nas redes sociais. A intenção é de despertar um interesse mais forte pela Alemanha e Europa e mantê-lo a longo prazo.

8. Viver em paz e segurança

Em um mundo cada vez mais volátil, a América Latina e o Caribe são uma região relativamente estável e pacífica apesar de alguns problemas sociais e econômicos. Gostaríamos de remediar essa situação trabalhando em conjunto como parceiros na área da paz e da segurança.

No passado, a Alemanha já apoiou com determinação o processo de paz na Colômbia. Hoje em dia, ainda damos continuação a este trabalho no âmbito do Instituto Alemão-Colombiano para a Paz (CAPAZ).

Ao mesmo tempo, o alto nível de criminalidade violenta na América Latina continua a ser motivo de grande preocupação. Mais de 35% de todos homicídios no mundo ainda são cometidos na América Latina, que representa apenas 8 % da população mundial. Quarenta de três das cinquenta cidades mais inseguras do mundo estão localizadas na América Latina. Isso é inaceitável - não visando o interesse da Alemanha, mas sobretudo visando o interesse do povo da América Latina. Através de ação decisiva e conjunta, é possível alcançar progressos que

melhorem significativamente a qualidade de vida das pessoas.

As cooperações estreitas promovem a estabilidade regional. No entanto, até agora, a América Latina tem mostrado estruturas de cooperação bastante fracas na área da cooperação em matéria de segurança. Por conseguinte, o nosso objetivo global é apoiar a cooperação e a integração regionais na América Latina. O reforço da cooperação e o estabelecimento de processos de coordenação conjunta têm como meta criar confiança entre os Estados do continente.

A constituição e a ação determinada do Grupo de Lima no contexto da crise que a Venezuela atravessa há anos destacaram o valor da gestão de crises baseada em valores compartilhados.

O objetivo também deve ser de aumentar a participação das forças armadas latino-americanas nas missões regionais e internacionais de manutenção da paz. Até agora, as forças armadas latino-americanas só participaram no Haiti com uma presença mais substancial. A participação das forças de manutenção da paz da ONU na América Latina é inferior a 5 % no mundo inteiro. O aumento de engajamento regional e mundial no campo da manutenção da paz também contribui para um discurso mais amplo da política de segurança e para uma avaliação diferenciada do próprio papel na criação de processos.

Assim como na Alemanha, a percepção de segurança na América Latina é caracterizada por um conceito ampliado de segurança. Na América Latina, no entanto, isso se expressa no amplo desempenho das tarefas dos militares, que, além das intervenções de controle de calamidades, também são incumbidos de tarefas de segurança pública. Ao mesmo tempo, o conceito ampliado de segurança na América Latina visa principalmente as ameaças internas. Sendo assim, em muitos casos, observou-se um estreitamento da visão que ignora os riscos de segurança “clássicos” regionais e transnacionais. Queremos contrapor esta situação discutindo questões clássicas de segurança externa em parcerias e formatos de diálogo e elaborando uma cultura estratégica comum. Ao mesmo tempo, o intercâmbio incluindo toda gama de desafios de segurança, oferece um grande potencial de conhecimento e aprendizagem para os atores envolvidos na política de segurança alemã e europeia.

A OTAN continua a ser a pilastra fundamental da nossa segurança euro-atlântica. Com as “Parcerias Globais”, a OTAN criou um instrumento que liga estreitamente os parceiros que defendem os mesmos valores fora do território da OTAN às normas, padrões e procedimentos da OTAN. As parcerias visam desenvolver soluções conjuntas para desafios globais, em matéria de segurança como segurança cibernética, segurança marítima, terrorismo e crime organizado. Os domínios da segurança humana, da proteção da população civil, da emancipação das mulheres nos processos de paz e desenvolvimento das capacidades militares têm de ser promovidos. Isso também melhorará a interoperabilidade das forças armadas, o que poderá levar a aumentos significativos da eficiência das missões conjuntas. Em maio de 2017, a Colômbia tornou-se o primeiro “Parceiro Global” latino-americano da OTAN. O grupo parlamentar dos partidos CDU/CSU no Parlamento Federal da

Alemanha (Bundestag) está empenhado na expansão das parcerias da OTAN na América Latina, uma vez que muitos países desta região compartilham os valores e interesses da OTAN.

Referindo-se ao modelo de Liderança Interna, a Alemanha possui um conceito de liderança militar democrática, cuja atratividade deve ser enfatizada perante os Estados latino-americanos. Gostaríamos de expandir as plataformas para esse intercâmbio no futuro, por ex., disponibilizando mais vagas de treinamento para oficiais latino-americanos em cursos e programas do Colégio de Comando e Estado-Maior das Forças Armadas Alemãs.

Queremos aprimorar a capacitação das forças policiais latino-americanas através do planejamento concreto de projetos e de recursos financeiros provenientes da iniciativa do governo alemão. Isso contribui para minimizar as grandes diferenças no nível de treinamento e na prontidão operacional das várias forças armadas na América Latina.

A Polícia Federal da Alemanha e as tropas policiais dos Länder (estados federativos da Alemanha) são um elo importante na área da cooperação de segurança e podem prestar uma contribuição valiosa para a reforma do setor da segurança e governança. Os princípios de policiamento já existentes na Europa podem servir de orientação para essa cooperação.

9. Luta contra a criminalidade organizada e o tráfico de droga

Um obstáculo endógeno decisivo para o desenvolvimento da América Latina continua sendo o crime organizado e o tráfico de drogas. Na Alemanha e na Europa também somos achacados por esses desafios. Devido a atual internacionalização do crime organizado e a oferta quase saturada no mercado norte-americano, as drogas ilegais provenientes da América Latina estão entrando cada vez mais no mercado da EU, o que dá origem a consideráveis interesses de segurança alemães e europeus. Por conseguinte, é necessário apoiar a longo prazo os países da América Latina e com determinação no combate contra estruturas criminosas.

Um Estado de direito funcional e exequível constitui a base essencial, especialmente no que condiz a luta contra o crime: se deve estabelecer e aplicar regras e punir infrações. Além disso, a polícia e agentes de segurança necessitam inspirar um alto grau de confiança na população. Na luta contra a corrupção e a impunidade, apoiamos um empenho ainda mais substancial da Alemanha na cooperação em matéria de Estado de direito

Além das medidas bilaterais, sobretudo na área da cooperação em matéria de Estado de Direito, como fortalecimento do sistema judiciário e da polícia ou combate à corrupção, deve-se dar prioridade ao apoio a iniciativas regionais multilaterais, como a Comissão Interamericana para o Controle do Abuso de Drogas da OEA. Somente através de um alto grau de autoresponsabilidade e determinação por parte dos Estados envolvidos será possível combater o crime organizado e o narcotráfico. Queremos aumentar o nosso apoio financeiro ao Gabinete das Nações

Unidas para a Droga e a Criminalidade (UNODC). Na medida do possível, pretendemos intensificar nossos esforços para drenar as fontes e os fluxos de capital dos atores do crime organizado.

Ao mesmo tempo, o desafio do cultivo e tráfico de drogas continua sendo um problema que vai muito além da América Latina e requer uma resposta holística e abrangente.

10. Ordem e controle de fuga e migração

A fuga e a migração estão entre os maiores desafios globais dos nossos tempos. Com cerca de 70 milhões de pessoas no mundo inteiro, há mais pessoas fugindo do que desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Por causa da crise política e humanitária na Venezuela e das crises nos países vizinhos da Europa, a América Latina e a UE estão igualmente sofrendo dos efeitos de grandes movimentos migratórios e de fuga.

É de se esperar que os desafios para lidar com a fuga e a migração continuem a persistir no futuro. É por isso que queremos aprender uns com os outros para lidar com crises e, juntamente com os Estados latino-americanos, defender as normas internacionais a fim de ordenar e gerir a fuga e a migração. Somos guiados pelo humanitarismo enraizado na concepção judaico-cristã do ser humano, bem como pelo direito internacional dos refugiados, segundo o qual não existe o direito de fugir para qualquer Estado de livre escolha.

No entanto, a crise na Venezuela, que vem se agravando há anos, também pôs em evidência a importância da coordenação regional na gestão de crises. Constatamos isso, por exemplo, no Grupo de Lima ou nas medidas tomadas pela OEA para apoiar os países que recebem refugiados e acompanhar processos políticos. A Alemanha e a UE devem continuar a promover resolutamente esses esforços de cooperação no futuro e, sempre que possível, apoiar os processos de institucionalização, o que contribui para reforçar a autoresponsabilidade regional.

Ao apoiar as comunidades de acolhimento de refugiados nas regiões fronteiriças da Colômbia e do Equador, o Ministério Federal da Cooperação Econômica e do Desenvolvimento (BMZ, sigla em alemão) reagiu de forma flexível e rápida ao aumento das necessidades locais. Tal engajamento deverá ser ampliado mais ainda.

III Visão 2030: Parceria do futuro

Além dos parceiros que defendem os mesmos valores na Ásia e no Pacífico, a Europa, a América Latina e a América do Norte são as regiões mais adequadas a médio e longo prazo para reforçar e desenvolver o sistema de ordem liberal, e baseado em regras, que nos trouxe liberdade, paz, prosperidade e estabilidade nas últimas décadas. Em um mundo multipolar e heterogêneo, não seremos capazes de manter esse sistema de ordem sozinhos. Precisamos de parceiros. Muitos deles se encontram na América Latina e no Caribe. Mas essa parceria não é óbvia. Ela terá que ser permanentemente revitalizada e preenchida com conteúdo.

Se a Alemanha, juntamente com os seus parceiros na UE, abordar seus parceiros na América Latina com determinação e ofertas próprias, conforme essa estratégia, será possível estabelecer uma nova forma de cooperação, na qual se desenvolverão uma grande porção de dinamismo e de poder criativo a longo prazo.

Se conseguirmos percorrer esse caminho juntos, o seguinte cenário poderá se tornar realidade até 2030:

Os países da América Latina voltaram a atingir um crescimento econômico mais elevado e sustentável. Também devem isso às oportunidades que resultam da conclusão de novos acordos de comércio livre. Após a conclusão do longo acordo negociado entre a UE e o MERCOSUL, a UE se beneficiou desse espírito de otimismo e fechou novos acordos comerciais com outros países da América Latina. Existem atualmente acordos modernos com quase todos os países da região. A UE tornou-se um parceiro associado da Aliança do Pacífico e um parceiro de cooperação ativa do "Pró-Sul".

No decorrer das relações comerciais estáveis, fortalecidas e justas, os países da América Latina e da UE conseguiram desenvolver uma parceria privilegiada, que se baseia no reconhecimento mútuo da soberania e da igualdade de interesses de ambas regiões. Em termos da aliança de valores, declaram conjuntamente seu apoio à ordem econômica e social democrática e livre nos respectivos países, mas se engajam conjuntamente para defendê-la a nível internacional. E juntos discutem desafios internos como populismo ou abordagem às campanhas de desinformação estrangeiras.

A estreita cooperação entre os continentes levou ao aumento dos investimentos da Europa, bem como os investimentos dos Estados latino-americanos na Europa aumentaram significativamente. Ao mesmo tempo, a intensificação da cooperação regional na América Latina levou o continente e seus países, como atores soberanos, a equilibrar seus interesses em parcerias na atualidade. Além da UE e da América do Norte, eles incluem parceiros da região Ásia-Pacífico. A China manteve o papel de parceiro comercial e investidor importante; porém, é um dos muitos parceiros. A América Latina está aberta para todos lados e é economicamente integrável. Isso reduziu significativamente a dependência de atores individuais e aumentou o âmbito de ação política.

No entanto, a integração exitosa da economia de mercado, no próprio continente, permitiu, sobretudo aos Estados do MERCOSUL e da Aliança do Pacífico, expandir as cadeias de valor sustentáveis nos países membros, respeitando as normas sociais e ambientais, e fortalecer suas indústrias no seu conjunto. Como resultado, a dependência excessiva desses países em relação às matérias-primas e às exportações agrícolas pôde ser significativamente reduzida. O volume do comércio de produtos agrícolas com o continente africano aumentou consideravelmente.

O crescimento econômico desencadeado, bem como as políticas sensatas de educação e diversificação, permitiram à América Latina aproximar-se do mundo digitalizado. Visto que, desde a participação não permanente da Alemanha no Conselho de Segurança da ONU em 2019/20, houve uma estreita coordenação nos órgãos das Nações Unidas, pôde-se estabelecer a regulamentação internacional da internet e regulamentar a privacidade e a proteção de dados no direito internacional de maneira mais firme. A

estreita coordenação entre ambos continentes foi igualmente prosseguida na área da aplicação dos acordos globais, o que conduziu a um novo impulso na implantação, por exemplo, da Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável e do Acordo de Paris sobre o Clima e acordos subsequentes.

Em geral, a América Latina está desenvolvendo uma consciência mais forte da política mundial e está contribuindo de forma mais conceitual e pessoal para o debate sobre a reforma das Nações Unidas. Isso se aplica igualmente à participação dos países latino-americanos em missões de paz das Nações Unidas. Os mecanismos das instituições latino-americanas de resposta às crises foram fortalecidos para que a comunidade latino-americana de Estados possa enfrentar as crises de forma rápida e decisiva.

Há muito tempo que a violência, o crime organizado e a produção e o tráfico de drogas ilícitas têm sido problemas no continente, desencorajando muitos parceiros de investir e participar em negócios. Nos últimos anos, os governos da América Latina passaram para o combate ainda mais decisivo e transfronteiriço. Individualmente, reforçaram seu Estado de direito com vantagem clara e combateram a impunidade e a corrupção. Isto permitiu-lhes não só recuperar o controle sobre quase todos os territórios do país, mas também fazer com que o Estado de direito voltasse a ser efetivamente aplicado. Ao mesmo tempo, tomaram iniciativas conjuntas para combater a produção e o tráfico de drogas ilegais. A Alemanha e a UE deram apoio significativo nesse sentido para apoiar os esforços dos Estados latino-americanos. Conseguiu-se reduzir significativamente a expansão da violência e do crime.

O nosso objetivo e nossa reivindicação para as relações entre Alemanha, Europa, América Latina e Caribe têm de ilustrar um cenário totalmente positivo. Para que isso aconteça, precisamos não só do empenho determinado dos governos da UE, da América Latina e do Caribe, mas também do apoio parlamentar visionário, ambicioso e atento, ou seja, com visão estratégica. É isso que queremos garantir na próxima década como grupo parlamentar dos partidos CDU/CSU no Parlamento Federal da Alemanha (Bundestag).

Esta publicação do grupo parlamentar dos partidos CDU/CSU no Parlamento Federal da Alemanha (Bundestag) serve apenas para fins informativos. Não poderá ser usada durante campanha eleitoral para fins de publicidade eleitoral.

Responsável: Grupo Parlamentar dos partidos CDU/CSU
no Parlamento Federal da Alemanha
(Bundestag)
Michael Grosse-Brömer; Deputado Federal
Stefan Müller, Deputado Federal
Platz der Republik 1
11011 Berlim